

PRÁTICA DE ENSINO: A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DISCIPLINAR
(1967-1974)

GUSMÃO, Emery M. – UNESP/Assis

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO COORDENADA: Percurso histórico das disciplinas acadêmicas: subsídios para a consolidação de um campo de pesquisa

EIXO TEMÁTICO 2: História da profissão docente e das instituições escolares

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa ainda incipiente acerca de um tema pouco estudado, a formação pedagógica oferecida nos cursos de licenciatura da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis – atualmente campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – no final da década de 1960 e início da seguinte quando se instituem as Práticas de Ensino como disciplina responsável pelo estágio nos cursos de licenciatura. As principais fontes são os planos de ensino, ofícios e resoluções consultados na Seção de Graduação; a dissertação de mestrado **História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis** desenvolvida por Fábio Ruela de Oliveira (2002) e o livro **A didática no ensino superior** de Maria Manuela Alves Garcia (1994)¹ apresentaram informações importantes sem as quais seria impossível interpelar os dados levantados.

Atualmente a Universidade Estadual Paulista compõe-se por faculdades distribuídas entre várias regiões do Estado de São Paulo e suas origens, em 1976, remete-nos aos Institutos Isolados de Ensino Superior criados pelo governo paulista em meados do século XX a partir do modelo da Universidade de São Paulo, cuja congregação não aceitou a expansão para o interior². A USP (1934) foi a primeira instituição de ensino superior organizada no Brasil segundo as normas do decreto no. 19.851 de 1931, contido no Estatuto das Universidades Brasileiras que previa o ensino Universitário com a finalidade de elevar o nível da cultura geral e estimular a investigação científica em quaisquer

¹ GARCIA, Maria Manuela Alves. **A didática no ensino superior**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 e OLIVEIRA, Fábio Ruela de. **História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis**. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2002. Dissertação (Mestrado em História) FCL/UNESP – Assis-SP. Há mais dois estudos interessantes sobre o Instituto Superior de Ensino em questão: ITAVO, M C F. **As manifestações estudantis no campus de Assis (1983-1995)**. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1996. Dissertação (Mestrado em História) FCL/UNESP – Assis-SP, 1996 e VAIDERGORN, J. **As seis irmãs: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo – 1957-1964**; alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo. Campinas: faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas-SP, 1995;

² Sobre a intransigência do Conselho Universitário da USP com relação aos Institutos Isolados, conferir LEITE, B W C. Os Institutos Isolados de Ensino Superior de São Paulo na visão do Conselho Universitário da USP (1947-1963). **História**, São Paulo, n. 16, p. 255-278, 1997.

domínios dos conhecimentos humanos (OLIVEIRA: 2002, p. 20). Segundo OLIVEIRA, a USP também foi a primeira instituição de ensino superior brasileira a colocar em pauta o conceito de “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”.

Os cursos superiores estaduais criados em Assis, Marília e Rio Claro no final dos anos 1950 tiveram a influência dos diretores nomeados pelo então governador Jânio Quadros; no caso de Assis o curso de Letras organizou-se a partir da atuação do primeiro diretor, Antonio Soares Amora renomado especialista em língua e literatura portuguesa. Em depoimento, ele mesmo esclarece que os diretores reuniam-se no Conselho que deliberava a organização³ dos Institutos Isolados de Ensino Superior:

“Este grupo de faculdades (..) eram geridos por um Conselho que tinha o nome pejorativo de ‘Conselhinho’, para não se confundir com o ‘Conselho Universitário’, na sua austeridade (..) ‘Conselhinho’ era presidido pelo Zeferino Vaz e nós diretores participávamos das suas reuniões semanais” (Apud. OLIVEIRA: 2002, p. 50).

No início da década de 1970 a Faculdade de Assis oferecia os cursos de Letras, História, Psicologia e Filosofia⁴ e tornava-se referência nesta região distante da capital paulista⁵ pois seus egressos eram vistos como profissionais altamente qualificados. Os primeiros professores do curso de Letras (cujas aulas iniciaram-se em 1959) foram convidados pelo diretor Soares Amora e, contratados em regime de tempo integral, permaneciam oito horas por dia na faculdade com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Embora vigorasse o sistema de cátedras nos primeiros anos da Faculdade, desde o seu início, o curso organizou-se a partir de departamentos, conforme as informações de Fabio Ruela de Oliveira: “Letras Venículas (..) Letras Clássicas (..) Letras Anglo Germânicas (..) Letras Românicas (...) e o orientador educacional dos alunos, Prof. W S Jonas Speyer, responsável por uma cadeira (Psicologia da Educação) que mais tarde se tornaria o Departamento de Didática“ (p. 71). Deve-se destacar o trânsito dos professores por renomadas instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais e a contratação inicial de um único docente responsável pela formação pedagógica. O histórico escolar da

³ Internamente, organiza-se a Congregação, o Conselho Interdepartamental (CID) e o Conselho Técnico Administrativo (CTA) (OLIVEIRA: 2002, p. 63).

⁴ A primeira turma de História data de 1963 e a de Filosofia data de 1969. Em 1976, quando foi criada a UNESP, o curso de Filosofia foi extinto (OLIVEIRA: 2002, p. 97). Atualmente, Faculdade de Ciências e Letras “Julio de Mesquita Filho” – UNESP/Assis – oferece cursos de graduação em Letras, História, Psicologia, Biologia e Biotecnologia.

⁵ Distante 450 km da capital paulista, Assis foi fundada em 1905 e contava com 35 mil habitantes no ano de 1959 – quando se iniciam as aulas do primeiro curso, Letras.

aluna Teresa de Jesus Pires Vara que ingressou na primeira turma em 1959 e colou grau em 1963⁶, indica que ela cursou as seguintes disciplinas pedagógicas:

1º. ANO: Formação Pedagógica (30)

2º. ANO: Formação Pedagógica (30)

4º. ANO: Didática Geral (90), Didática Especial, Psicologia da Educação (90).

Não tivemos acesso aos primeiros planos de ensino da Faculdade mas, ainda assim, talvez se possa afirmar que o curso valorizava a pesquisa e, dentre as disciplinas pedagógicas, a Didática e a Psicologia da Educação recebiam particular atenção. Estas apresentam maior carga horária e praticamente resumiam a formação pedagógica em função do Decreto-lei no. 9092, de 26 de março de 1946 que simplificou o esquema 3+1 implementado no final da década de 1930 nas Faculdades de Filosofia. O Decreto no. 1.190 de 1939 que instituiu o modelo das antigas Faculdades de Filosofia (vigente até a reforma universitária de 1968) previa três anos de curso que conferiam ao aluno o diploma de bacharel, sendo-lhe facultada a matrícula no curso de didática, ao fim do qual estaria apto a exercer o magistério (p. 46). O “curso de didática” (que não se identificava com a disciplina didática), com duração de um ano, oferecia as seguintes disciplinas: didática geral, didática especial, psicologia educacional, administração escolar, fundamentos biológicos da educação e fundamentos sociológicos da educação” (p. 47)⁷. A congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP questionava o projeto original das Faculdades de Filosofia e, “através de sua direção, obteve do governo o Decreto-lei no. 9092 (...) que simplificava aquele regime no sentido tanto da redução do tempo como do número de disciplinas pedagógicas exigidas. Com essa medida, as matérias pedagógicas que os alunos teriam de cursar no 4º. ano reduziram-se à formação didática, teórica e prática no ginásio de aplicação e a um curso de psicologia aplicada à educação” (GARCIA: 1994, p. 104). Garcia destaca também o entusiasmo com que o referido decreto foi recebido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP na qual muitos docentes defendiam que o bom desempenho do professor era fruto do conhecimento da matéria e da experiência obtida com o exercício do magistério (p 100).

Este dispositivo reduzia a carga horária do “curso de didática” (que, originalmente, correspondia ao quarto ano no esquema 3+1) e fazia com que os conteúdos da sociologia da educação e da filosofia da educação (dentre outros) fossem incorporados à disciplina

⁶ ANEXO 1 na dissertação de OLIVIERA (2002)

⁷ A autora destaca também que nesta época as didáticas especiais (que se transformaram em Prática de Ensino na década de 1960) e a didática geral constituíam uma única cadeira “ou um único campo de estudos”.

Didática. Assim, Garcia conclui que a disciplina Didática assumia centralidade nas licenciaturas pelo mesmo motivo que se tornava secundária nos cursos de Pedagogia: ela incorporava outras disciplinas pedagógicas.

No caso da FFCL de Assis, a criação de uma cadeira de Psicologia da Educação em 1959 (e não Didática) ocupada por Wilhelm S. Jonas Speyer – um judeu refugiado que cursou a Universidade de Berlim e especializou-se em educação juvenil – parece refletir um esforço de buscar na Psicologia da Educação subsídios para pensar a realidade que os alunos observavam nas escolas da comunidade. Neste momento, vivia-se grande efervescência na USP e em algumas Universidades Federais com as pesquisas desenvolvidas na área pedagógica por profissionais que tinham feito curso fora do país na área da Psicologia - Noemy Silveira Rudolfer, responsável pelo Laboratório de Psicologia Educacional da USP e Helena Antipoff, catedrática da cadeira de psicologia educacional na Faculdade de Filosofia da UFMG, por exemplo – e pelo cumprimento parcial de uma legislação de 1946 que tornava obrigatório para as Faculdades de Filosofia a manutenção de um Ginásio de Aplicação sob a responsabilidade da cadeira de didática e da direção de seu catedrático com vistas à realização dos estágios e à inovação pedagógica. Desde 1958-9 documentos oficiais oriundos da Diretoria do Ensino Secundário aconselhavam e regulamentavam a instalação de classes experimentais⁸ em colégios de “idoneidade inquestionável” a fim de renovar, flexibilizar e diversificar o ensino secundário:

“a implantação destas classes visou à aplicação de novos métodos e processos de ensino e, ainda, o ensaio de novos tipos de currículo para o ensino secundário, tendo sido essas experiências inspiradas no movimento francês das *Classes Nouvelles*.” (p. 113)

Garcia destaca ainda que, neste contexto, tais pesquisas tinham um enfoque experimental e voltavam-se para o ensino de áreas específicas do saber (p. 109). Assim, a Didática Geral que inicialmente não se distinguia da Especial nem enquanto cadeira, nem enquanto área de conhecimento, perde espaço para as Didáticas Especiais que originaram as Práticas de Ensino. Ou seja, nas palavras de Garcia:

“Iniciava-se uma vertente da pesquisa em didática que buscava responder aos problemas do ensino a partir da lógica e da estrutura própria de cada matéria de

⁸ Cabe destacar que tais experiências passam a ser vistas com desconfiança no final dos anos 60 e foram todas encerradas, sob os mais variados pretextos, na fase de endurecimento da ditadura militar. Conferir GARCIA, Walter (org.). **A Inovação Educacional do Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1980.

ensino, indicando então, um caminhar diferenciado à pretensão de a didática se constituir uma teoria do ensino capaz de explicar e resolver os problemas do ensino e da aprendizagem de qualquer conteúdo ou matéria de ensino” (p. 122)

A instituição da Prática de Ensino pelo Parecer no. 292 do CFE de 1962 reforça esta tendência pois fragmenta a cadeira de Didática, um processo muito contestado pelos professores de Didática – segundo depoimentos reunidos por Garcia. Este Parecer – que extinguiu definitivamente o esquema 3+1 - parece denotar derrotas políticas da área educacional face às disciplinas de conteúdo pois reduziu o número de matérias obrigatórias para o currículo mínimo do licenciado de seis para quatro (Psicologia da Educação, Didática, Administração Escolar e Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado), abriu a possibilidade do aluno cursar as matérias pedagógicas juntamente com as demais e afirmou que o estágio deveria ser feito preferivelmente nas escolas da comunidade pois os colégios de aplicação não eram condizentes com a realidade do mercado de trabalho. Talvez se possa pensar que a criação de uma cadeira de Psicologia da Educação no lugar de Didática em 1959 na FFCL de Assis pode refletir o esforço de desenvolver pesquisas educacionais sob este novo enfoque – distanciado da Didática Geral – tal como ocorria em alguns colégios de aplicação. Assim, o docente responsável pela cadeira de Psicologia da Educação respondia pela Didática e pelos estágios.

O professor Speyer – e outros intelectuais que compuseram o primeiro grupo de docentes do campus - não permaneceu muito tempo na Faculdade. Os planos de Psicologia da Educação datados de 1965 e 1967 (iguais entre si) foram assinados por Vital Batista Filho – que se declara “regente das cadeiras de Psicologia da Educação e Administração Escolar”. Os planos prevêm uma “pesquisa simples” a ser desenvolvido pelos grupos de alunos “junto aos adolescentes da região” e os seguintes conteúdos:

- 1- introdução ao estudo da Psicologia da Educação;
- 2- psicologia da adolescência;
- 3- psicologia da aprendizagem.

O mais antigo plano de ensino da cadeira de Didática Geral localizado na seção da graduação da FCL Assis destina-se ao 4º. ano dos cursos de Letras e de História em 1967 – assinado pela professora Livia Ferreira Santos – e propõe duas modalidades de atividades:

- 1- PARTE TEÓRICA: desenvolvimento dos seguintes núcleos de reflexão
 - A- orientação para a profissão de ensinar
 - B- preparação para o magistério

- C- planejamento do ensino
- D- planejamento da unidade
- E- planejamento diário
- F- orientação da classe para o ensino
- G- métodos de ensino
- H- avaliação
- I- o aperfeiçoamento da profissão

2- PARTE PRÁTICA:

- A- estágio de observação nas escolas da comunidade (assistir pelo menos dez aulas e preencher as fichas de observação);
- B- estágio de participação no trabalho de professores das escolas da comunidade (o estagiário deve seguir pelo menos uma unidade completa);
- C- uma aula inteiramente preparada e dada pelo aluno estagiário numa classe do curso secundário do I.E.A.;
- D- elaboração de um plano de aula e de um plano de unidade;
- E- submissão a um teste de múltipla escolha.

Como se pode observar, o aluno de licenciatura ainda trava contato com a realidade escolar sob a supervisão da cadeira de Didática – conforme o modelo já superado nas Faculdades de Filosofia⁹ – e, na ausência de um colégio de aplicação, os alunos dirigiam-se ao I.E.A. – supomos que se trate do Instituto de Educação de Assis (atual EE Clybas Pinto Ferraz), uma escola estadual bastante conceituada no período. Para o mesmo ano de 1967 encontramos um único programa de Prática de Ensino e ele não afirma a realização de estágios de observação ou a regência de aulas em escolas; assinado pela Dra. Francesca Cavalli que se apresenta como “Coordenadora da Cadeira de Prática de Ensino” e também assina o Programa de Língua e Literatura Italiana (Departamento de Estudos Românicos). O Programa da Cadeira de Prática de Ensino – vinculada ao departamento de Didática, como informa Dra. Francesca – elenca os seguintes conteúdos:

- teoria da Comunicação;
- comunicação Verbal: a linguagem; domínio de uma língua estrangeira.
- a linguística a serviço do ensino de línguas: som, intonação, ritmo, estrutura.

⁹ Alterado pelo Parecer no. 292 do CFE de 1962 que cria a Prática de Ensino.

-recursos visuais: quadro negro, flanelógrafo, ilustrações, álbum seriado, cartazes, mostras didáticas, mapas e globos, recursos tridimensionais.

-recursos auditivos: toca discos, gravador de fita, laboratório de línguas, rádio educativa.

-recursos audiovisuais: projeção fixa (projektor opaco, de slides, retroprojektor); film educativo, televisão.

-emprego conjugado de recursos audiovisuais..

Suponho que não se pode afirmar descumprimento do Parecer no. 292 do CFE de 1962 pois um ofício do diretor exige o desenvolvimento de uma parte prática em todas as disciplinas no ano de 1967; ainda assim, é evidente o esvaziamento e descaracterização da disciplina Prática de Ensino. Em 1970, a Resolução 3/70 assinado pela direção da Faculdade, vincula o estágio às Práticas de Ensino e, por meio de outro subterfúgio burocrático, desvirtua mais uma vez a proposta da disciplina: as Práticas de Ensino são distribuídas entre os departamentos (excetuando-se o de Didática) e suas aulas foram atribuídas (no interior dos departamentos) a docentes ligados a outras áreas de conhecimento. Assim, o professor Rivalmir Pitta “já responsável pela disciplina Civilização Ibérica” responsabiliza-se também pela Prática de Ensino de História; o regente da disciplina Língua e Literatura Latina assume a Prática de Ensino de Latim... e assim por diante. Um ofício datado de 24 de março de 1971 e assinado pelo chefe do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas informa à vice direção o horário das aulas: 2^a. feira, das 15,50 às 16,30 (Prática de Ensino de Inglês) e 5^a. feira das 17,10 às 17,50 (Prática de Ensino de Português). Deve-se destacar também que os docentes responsáveis pelas Práticas de Ensino assistiam os exames-aula nas várias escolas da cidade e muitos deles atribuíam uma nota ao aluno.

Neste processo de institucionalização de uma Prática de Ensino distanciada dos “colégios de aplicação” e da supervisão dos “especialistas em educação” surgiram dificuldades de relacionamento com as escolas da cidade. No ano de 1972, o Chefe do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas comunica oficialmente à direção do campus a recusa das escolas em receber estagiários. Nos anos seguintes o diretor da faculdade solicita ao Diretor da Divisão Regional de Educação e ao Delegado de Ensino Básico e Normal, autorização para estágio nas escolas da região. Uma vez obtida a autorização, os supervisores pedagógicos e diretores das escolas apenas eram notificados. Esta recusa mantém-se pelo menos até o ano de 1974.

BIBLIOGRAFIA

GARCIA, Maria Manuela Alves. **A didática no ensino superior**. Campinas, SP: Papirus, 1996

GARCIA, Walter (org.). **A Inovação Educacional do Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1980.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. **História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis**. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2002. Dissertação (Mestrado em História) FCL/UNESP – Assis-SP

VAIDERGORN, J. **As seis irmãs: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo – 1957-1964; alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas-SP, 1995.